EM NOME DA FÉ: A RELIGIOSIDADE DE NABUCODONOSOR II NAS INSCRIÇÕES REAIS E NAS NARRATIVAS DE DANIEL 1 a 4

IN THE NAME OF FAITH: THE RELIGIOSITY OF NEBUCHADNEZZAR II IN THE ROYAL INSCRIPTIONS AND THE NARRATIVES OF DANIEL 1 a 4

Eloá Moura Galvão [1]

RESUMO: O reinado de Nabucodonosor II, período em que o território do Império Neobabilônico alcançou sua maior extensão, constitui um ponto de convergência significativo entre a documentação cuneiforme e a tradição bíblica. O monarca ocupa posição de destaque no livro de Daniel, cujas narrativas iniciais o apresentam em sucessivos confrontos com a soberania do Deus de Israel. Nesse contexto, o presente artigo investiga duas questões: como se configurava a religiosidade de Nabucodonosor II segundo as inscrições reais do período neobabilônico e de que modo essas inscrições contribuem para a compreensão dos relatos de Daniel 1–4? Para respondê-las, a pesquisa desenvolve-se em três etapas: a apresentação do panorama religioso neobabilônico, a análise da religiosidade de Nabucodonosor II a partir das inscrições reais e a comparação dessa religiosidade com o retrato apresentado nos relatos de Daniel 1–4. A análise evidencia a estreita relação entre a religiosidade do monarca, a ideologia real neobabilônica e a atuação cultual e construtora do rei, ao mesmo tempo em que permite identificar no texto de Daniel elementos correspondentes ao contexto religioso mesopotâmico e uma progressão na representação da compreensão religiosa de Nabucodonosor II, que culmina no reconhecimento da soberania do Deus de Israel.

PALAVRAS-CHAVE: Nabucodonosor II; Daniel; Inscrições reais; Neobabilônico.

ABSTRACT: The reign of Nebuchadnezzar II, during which the territory of the Neo-Babylonian Empire reached its greatest extent, constitutes a significant point of convergence between cuneiform documentation and the biblical tradition. The monarch occupies a prominent position in the book of Daniel, whose opening narratives portray him in successive confrontations with the sovereignty of the God of Israel. Within this context, the present article investigates two questions: how did Nebuchadnezzar II's religiosity manifest itself according to the royal inscriptions of the Neo-Babylonian period, and how do these inscriptions contribute to an understanding of the accounts in Daniel 1–4? To address these questions, the study proceeds in three stages: an overview of the Neo-Babylonian religious context, an analysis of Nebuchadnezzar II's religiosity based on the royal inscriptions, and a comparison of

[1] Doutoranda em Antigo Testamento (UAP). Universidade Adventista del Plata (Entre Rios, Argentina). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5861-9784 E-mail: eloa.mgalvao@gmail.com

this religiosity with the portrayal presented in Daniel 1–4. The analysis demonstrates the close relationship between the monarch's religiosity, Neo-Babylonian royal ideology, and the king's cultic and building activities, while also identifying elements in the book of Daniel that correspond to the Mesopotamian religious context and a progression in the portrayal of Nebuchadnezzar II's religious understanding, culminating in his recognition of the sovereignty of the God of Israel.

KEYWORDS: Nebuchadnezzar II; Daniel; Real inscriptions; Neo-Babylonian.

10.23925/2176-4174.38.2026e77873

Recebido em: 25/08/2026.

Aprovado em: 30/08/2026.

Publicado em: 30/08/2026.

Introdução

Segundo Bertman (2002), os caldeus constituíam uma tribo aramaica estabelecida no sul da Mesopotâmia cerca de trezentos anos antes da conquista da Babilônia. Essa longa presença regional precedeu e preparou sua ascensão política, consolidada quando tomaram a cidade por volta de 625 a.C. A conquista inaugurou a dinastia neobabilônica, que se estenderia até 539 a.C., quando Babilônia foi incorporada ao Império Persa. É no interior desse arco de aproximadamente oito décadas que se situa o reinado responsável por conferir à dinastia sua maior projeção.

Nabu-kudurru-usur II — mais conhecido como Nabucodonosor II — era o filho primogênito de Nabopolassar e assumiu o trono em circunstâncias que já anunciavam a envergadura de seu governo. Encontrava-se em campanha, tendo acabado de vencer os egípcios em Carquemis, no rio Eufrates, quando recebeu a notícia da morte do pai e retornou à Babilônia em vinte e três dias (ROUX, 1987; SACK, 1992). Tornou-se rei em 23 de setembro de 605 a.C. e governou por quarenta e três anos, período que o situa entre os maiores reis da Babilônia e que constitui um dos reinados mais longos da história mesopotâmica (BERTMAN, 2002). Tal extensão temporal, aliada à estabilidade política conquistada, criou as condições materiais para as transformações que marcariam o império sob seu comando.

Sob o governo de Nabucodonosor II, os territórios da Ásia Ocidental, empobrecidos durante o domínio assírio, tornaram-se prósperos e férteis, e Babilônia

converteu-se na maior cidade do mundo civilizado (KUIPER, 2010). Roux observa que, desde a época de Hamurabi, a maior e mais bela das cidades do Antigo Oriente Próximo jamais havia alcançado prestígio semelhante (ROUX, 2010). Cabe notar que essa prosperidade veio acompanhada de um acentuado interesse religioso: os reis caldeus dedicaram tempo e recursos consideráveis à reconstrução e ao ornamento de seus santuários (ROUX, 2010). Esse investimento sistemático no culto sugere que a religiosidade não era um elemento acessório do projeto imperial neobabilônico, mas parte constitutiva da própria concepção de realeza.

O presente estudo propõe-se, portanto, a analisar a religiosidade de Nabucodonosor II a partir das inscrições reais do período neobabilônico. A investigação desenvolve-se em três etapas: a revisão do panorama religioso neobabilônico, o exame da religiosidade do monarca com base nas inscrições reais e a comparação sucinta entre essa religiosidade e os relatos bíblicos de Daniel 1–4.

1. Um breve panorama religioso do período neobabilônico

A religião mesopotâmica constitui, segundo Kuiper (2010), uma corrente única de tradição, na qual se integram as crenças e práticas dos sumérios, dos acádios e de seus sucessores babilônios e assírios. De origem suméria, esse sistema foi progressivamente ampliado e sutilmente modulado pelos acádios, cujas concepções próprias acabaram largamente assimiladas e integradas ao novo ambiente cultural. Tal continuidade não se restringiu ao âmbito estritamente cultual: a religião condicionou de modo inescapável todos os aspectos da antiga civilização mesopotâmica, moldando as esferas social, econômica, jurídica, política e militar, bem como a poesia e a arte. Compreender a religiosidade de um monarca babilônico exige, portanto, situá-lo no interior dessa tradição de longa duração, cujas formas específicas assumem contornos próprios no período neobabilônico.

O período neobabilônico, que se estendeu até 539 a.C. e alcançou sua maior expansão territorial durante o reinado de Nabucodonosor II (605–562 a.C.) (BLACK, GREEN, 1992), apresenta uma configuração religiosa distinta em relação às fases anteriores. Registra-se, nesse momento, uma ênfase na religião pessoal, articulada em torno das noções de pecado e perdão (KUIPER, 2010). Verifica-se igualmente o deslocamento de uma política anteriormente concebida como divinamente

democrática para uma estrutura monárquica absoluta, dominada pelo deus nacional. Nessa nova ordenação, os reis assumiam a responsabilidade pelo culto nacional, e cada monarca supervisionava a administração de todos os templos de seu domínio. Essa vinculação institucional entre realeza e culto confere aos templos uma centralidade que convém examinar mais detidamente (KUIPER, 2010).

Os templos cumpriam a dupla função de assegurar a presença do deus e de oferecer um lugar em que fosse possível dirigir-se a ele (KUIPER, 2010). No plano cultual, cabia aos seres humanos prover as necessidades das divindades, o que conferia ao santuário uma dimensão econômica concreta: os templos dispunham de terras cultivadas destinadas a garantir as refeições diárias oferecidas aos deuses. Havia ainda sacerdotes especificamente formados como cozinheiros, padeiros e músicos, encarregados de preparar as refeições festivas ou de aplacar as divindades quando necessário (KUIPER, 2010). Essa organização revela uma concepção segundo a qual os deuses possuíam necessidades análogas às humanas — pressuposto que se manifesta com igual clareza no modo como o panteão era socialmente representado.

As divindades mesopotâmicas eram concebidas segundo o modelo de uma nobreza terrena, conforme observa Kuiper (2010). Cada deus possuía e explorava uma propriedade — seu templo e suas terras — e exercia controle sobre a cidade em que este se localizava. Sua atuação, contudo, não se limitava ao horizonte local: em decisões de alcance nacional, como a escolha de um novo rei, os deuses agiam coletivamente. Dentro dessa hierarquia divina, uma figura ocupou posição preeminente no período neobabilônico.

Marduque era a divindade patrona da Babilônia e a cabeça do panteão babilônico no primeiro milênio a.C. Inicialmente considerado apenas o deus tutelar da cidade, foi elevado, com o crescimento político de Babilônia, à condição de divindade nacional e principal deus do panteão (BLACK, GREEN, 1992). A epopeia *Enūma Eliš* narra precisamente essa ascensão, situada ao final do segundo milênio, e apresenta-o como filho de Ea (Enki), patrono de Eridu[2] e integrante da mais antiga e augusta tríade divina. Sua preeminência era tal que se tornou frequente referir-se a

[2] Walton, Matthews e Chavalas descrevem à Marduque sendo descrito na epopeia de *Enuma Elish* como “filho de Enkidu, padroeiro de Eridu” (WALTON, MATTHEWS, CHAVALAS, 2008, p. 944) mas, na verdade, o patrono de Eridu era Ea (Enki), parecendo ser resultado de uma confusão entre os nomes Enkidu e Enki.

ele apenas como Bel, isto é, "senhor" (WALTON, MATTHEWS, CHAVALAS, 2008). A supremacia de Marduque, contudo, não se expressou somente no plano mitológico, mas também no espaço construído da cidade.

O prestígio de Marduque traduziu-se monumentalmente no complexo cultual que dominava a paisagem urbana babilônica. Seu templo, o Esagila, e o zigurate a ele associado, o Etemenanki, constituíam as principais edificações da cidade. Convém notar que, embora a Bíblia apresente Baal como o principal rival de YAHWEH, nenhuma divindade do primeiro milênio exerceu impacto político comparável ao de Marduque (WALTON, MATTHEWS, CHAVALAS, 2008). Essa centralidade não excluía, todavia, a veneração de outras divindades, entre as quais se destaca aquela associada à escrita e à sabedoria.

Nabû, deus dos escribas, da escrita e da sabedoria, figurava entre as divindades mais veneradas pelos babilônios. No primeiro milênio a.C., era designado como filho do grande Marduque, indicativo da elevada estima de que gozavam tanto a divindade quanto a palavra escrita que representava. Seu nome integrava a onomástica babilônica, incluindo os nomes de vários governantes, como Nabucodonosor e Nabonido (BERTMAN, 2002). Era ainda o deus principal de Borsipa, cidade irmã da Babilônia, de onde sua estátua cultual era conduzida cerimonialmente à Babilônia a cada novo ano, a fim de que prestasse homenagem a seu pai divino (BERTMAN, 2002).

Ao lado de Marduque e Nabû, o panteão babilônico comportava numerosas outras divindades, cujas atribuições cobriam domínios variados da experiência humana, desde a guerra até a medicina. Inanna, também conhecida como Ishtar, era a deusa da atração sexual e da guerra, além de patrona das dinastias governantes. Gula respondia pela cura e figurava como padroeira dos médicos (BERTMAN, 2002). Enlil, por sua vez, era o deus da atmosfera e integrava uma das tríades divinas fundamentais (KUIPER, 2010). A amplitude desse panteão evidencia o quanto a vida babilônica se organizava em referência ao mundo divino.

Estabelecido esse panorama religioso, passa-se ao exame da religiosidade de Nabucodonosor II a partir das inscrições reais do período neobabilônico. Tais inscrições constituem registros produzidos pelo próprio rei, descobertos por meio de escavações arqueológicas e atualmente disponibilizados para consulta virtual no

Open Richly Annoted Cuneiform corpus, no âmbito do projeto RIBo (*Royal Inscriptions of Babylon online*).

2. A religiosidade de Nabucodonosor II nas inscrições reais do período neobabilônico

As inscrições reais de Nabucodonosor II, encontradas em cidades como Babilônia, Brissa, Larsa e Borsipa, evidenciam a atenção particular que o monarca dedicava à religião e sua acentuada devoção às divindades. Kuiper (2010) observa que a maioria dessas inscrições se encerra com orações, traço formal que revela o horizonte cultual em que o discurso régio se inscrevia. O autor acrescenta que os templos constituíam objeto de preocupação especial do rei, tanto os grandes santuários, como o Etemenanki, quanto numerosos edifícios menores distribuídos por todo o território.[1] Cabe examinar, a partir dessas fontes, as manifestações concretas da religiosidade atribuída ao monarca.

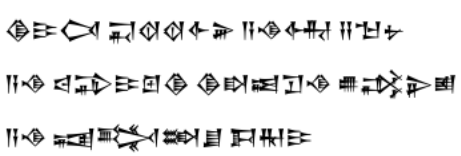
Em diversas ocasiões, Nabucodonosor II registra seus empreendimentos na construção de templos dedicados a Marduque, Nabû, aos Igigū e Anunnakū, a Sîn, Gula, Ninegala e Adad, entre muitas outras divindades (Nabuchadnezzar II 002 WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022).[3] Uma inscrição em prisma procedente da Babilônia descreve a edificação de um templo com ouro, prata, pedras preciosas, cobre e cedro.[3] Em uma inscrição de prisma localizada em Babilônia, na cerimônia de inauguração de um templo, as divindades Nabû e Nanāya são conduzidas para habitar o santuário, e diversas oferendas lhes são apresentadas (Nabuchadnezzar II 011; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022).

Descrições análogas ocorrem em outras inscrições que documentam as construções religiosas realizadas em todo o território sob domínio do rei (Nabuchadnezzar II 012; Nabuchadnezzar II 018; Nabuchadnezzar II 019; Nabuchadnezzar II 030; Nabuchadnezzar II B23; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022).[4] Uma inscrição procedente de Brissa permite apreender com particular clareza

[3] *Royal Inscriptions of Babylonia online*, edição digital hospedada na plataforma Oracc (*Open Richly Annotated Cuneiform Corpus*) e mantida pelo MOCCI (LMU Munique). Cada texto recebe um identificador estável do tipo Q, citado junto ao subprojeto. A exemplo, RIBo/Babylon 7, Q005473 corresponde à inscrição Nebuchadnezzar II 002. As transliterações e traduções estão sob licença Creative Commons Attribution Share-Alike 3.0.

[4] Ainda outras referências similares podem ser verificadas em Nabuchadnezzar II B21; Nabuchadnezzar II WBA; Nabuchadnezzar II B26; Nabuchadnezzar II WBC; Nabuchadnezzar II B25; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022.

a percepção que o monarca tinha de sua própria responsabilidade na execução dessas ações:



(vii 32-32) I am Nebuchadnezzar, the king of Babylon, true shepherd, who strives constantly for the sanctuaries of all the temples (Nabuchadnezzar II WBC; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022).

Em outra inscrição real encontrada na cidade de Babilônia, o monarca afirma que: “(I 25-29) […] I constantly seek out the sanctuaries of the god(s) (and) constantly follow the ways of the god(s).” (Nabuchadnezzar II 002; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). Idêntico zelo se manifesta em uma inscrição sobre tijolo procedente de Sipar, na qual Nabucodonosor II descreve a construção de um templo dedicado ao deus Šamaš: “(4b) (As for) Ebabbar, the temple of the Šamaš that is inside Sippar, I indeed built (it) anew for the god Šamaš, my lord. I indeed provided (it) with a strong base (made) from bitumen and baked brick” e “(8b) O Šamaš, great lord, look steadfastly upon my handiwork so that my good deeds may be set upon your lips. Give me as a gift a life of long days, the attainment of very old age, a firmly secured throne, and a long-lasting dynasty” (Nabuchadnezzar II B25; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022).

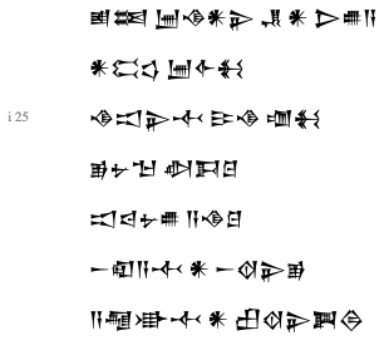
Embora Nabucodonosor II mencione diversas divindades e seus respectivos templos nas inscrições reais, sua devoção concentra-se de modo mais acentuado em Marduque e Nabû. Em uma estela procedente da Babilônia, o rei apresenta-se como aquele cuja atenção se acha fixada no deus Nabû, seu senhor (Nabuchadnezzar II 001; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). Em outra inscrição, gravada em tábua encontrada na mesma cidade, declara-se favorito do deus Marduque, amado do deus Nabû e aquele que busca constantemente os caminhos de sua divindade e reverencia seu domínio (Nabuchadnezzar II 002; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022).

A caracterização de Marduque nas inscrições revela a amplitude dos atributos que o monarca lhe reconhecia. Nabucodonosor II descreve-o com frequência como

seu único criador, grande senhor e senhor dos senhores, o mais honrado, importante e sábio entre os deuses; supremo, poderoso, exaltado e venerado; aquele que dirige a assembleia divina. A esses epítetos de soberania somam-se outros de natureza relacional: o deus que ama a majestade do rei, que o elevou a tal posição e lhe confiou a administração de um povo, a divindade misericordiosa que atende às suas súplicas. Completam o quadro as designações que associam Marduque ao domínio cósmico e ao auxílio ao monarca — aquele que controla os quatro ventos, comandante exaltado, verdadeiro, santo, soberano e auxiliador. A recorrência dessas fórmulas, em especial a de Marduque como criador do próprio rei, indica que a relação entre divindade e realeza era concebida em termos de dependência ontológica, e não apenas de patrocínio político.

Uma inscrição real procedente da Babilônia explicita essa compreensão de Marduque como deus criador e como origem da vocação régia: “(i 9-12) When the god Marduque, the great lord, the god who created m[e], steadfastly named me and magnificently commissioned m[e] (to perform) good things for his city Babylon, I myself was constantly present (and) incessant towards the god Marduk, my lord, (and) all day, without ceasing, [(my) mind] pondered about (things) that were pleasing to him” (Nabuchadnezzar II 002; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022).

A concepção de Marduque como criador do próprio monarca reaparece em outra inscrição cilíndrica procedente da mesma cidade, na qual Nabucodonosor II utiliza a fórmula em termos ainda mais precisos:

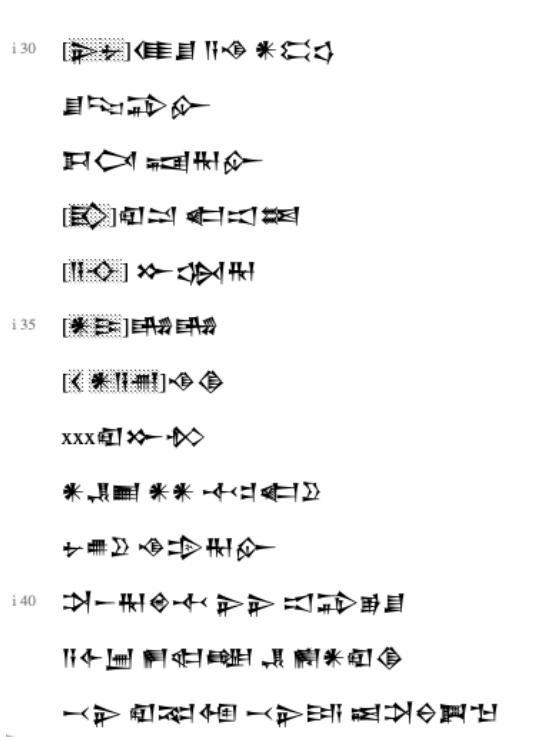


(I 23-29) As soon as he had created me, the lord, the god who created me, the god Marduk, fashioned my form inside (my) mother (so that) when I was born I myself was (fully) formed. I constantly seek out the sanctuaries of the god(s) (and) constantly follow the ways of the god(s) (Nabuchadnezzar II 021; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022).

A passagem articula dois elementos que se implicam mutuamente: a formação do rei no ventre materno por ação direta da divindade e o consequente comportamento

cultual que dela decorre. A vocação régia é assim apresentada não como conquista política, mas como destinação anterior ao próprio nascimento — pressuposto que sustenta os epítetos com que o monarca celebra seu deus.

Outra inscrição cilíndrica localizada na Babilônia concentra-se inteiramente na exaltação de Marduque, acumulando epítetos que percorrem a hierarquia divina:



(i 30-42) [At th]at time, I was attentive towards the god Marduk, the supreme one, the mighty one, the exalted one, the venerated [he]ro, [the one who directs] the assembly of [Ig]īgū [and Anun]nakū gods, the great …, the Enlil of the gods, the eminent one, the bright light, the glory of gods, his ancestors, the one who resides in Esagil, the lord of Babylon, the great lord, my lord (Nabuchadnezzar II 027; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022).

A soberania de Marduque fundamenta, no discurso régio, a legitimidade da própria extensão territorial do império. Nabucodonosor II descreve a construção do zigurate Etemenanki, na Babilônia, dedicado a essa divindade (Nabuchadnezzar II B21; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022), e afirma ser a cidade o centro cultual do grande senhor Marduque (Nabuchadnezzar II WBA; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). Em inscrição prismática procedente da Babilônia, declara que desde o Mar Superior até o Mar Inferior possuiu todas as terras que Marduque lhe concedera por seu exaltado mandato (Nabuchadnezzar II 011; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022), formulação que subordina explicitamente a conquista militar à outorga divina.

A contrapartida dessa delegação manifesta-se em inscrição cilíndrica encontrada na Babilônia, na qual o rei descreve sua resposta à investidura recebida: “(i 8-15) When the god Marduk, the great lord, raised me up to rule over the land and gave me a widespread people to shepherd, I indeed paid reverent attention to god

Marduk, the god who created me, bent my neck down to to his chariot pole, (and) made his abundant *sattukku*-offerings and his pure *nindabû*-offerings more plentiful than before" (Nabuchadnezzar II 019; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). A metáfora do pastoreio, presente já na passagem anterior, recebe desenvolvimento pleno em inscrição rupestre localizada na Babilônia: "(viii 27-37) I shepherded with the utmost care the widespread peoples that my lord Marduk had handed over to me, I directed them on the proper course and toward the correct behaviour. I protected the loyal, I destroyed the enemy. I made them bow their neck to Babylon. I united all mankind peacefully under its (Babylon's) everlasting protection. I brought forth in my land a reign of plenty, years of abundance" (Nabuchadnezzar II WBC; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). A passagem estabelece uma cadeia de subordinações concêntricas: os povos curvam a nuca diante da Babilônia, tal como o rei a curvara diante de Marduque. A prosperidade material — anos de fartura, reinado de abundância — figura como resultado dessa ordem corretamente hierarquizada, e não como mérito autônomo do soberano. Essa consciência de dependência explica a insistência com que o monarca dirige súplicas à sua divindade.

As inscrições sobre lajes e tijolos procedentes da Babilônia registram um repertório recorrente de pedidos dirigidos a Marduque. O rei suplica vida longa, ausência de inimigos, o agrado divino por suas ações, um trono firmemente assegurado e duradouro, uma dinastia estável, a alimentação regular de seu povo e a permanência da reverência devida à divindade (Nabuchadnezzar II 005; Nabuchadnezzar II 006, Nabuchadnezzar II 007; Nabuchadnezzar II 012; Nabuchadnezzar II 013; Nabuchadnezzar II 014; Nabuchadnezzar II 015; Nabuchadnezzar II 018; Nabuchadnezzar II 022; Nabuchadnezzar II 023; Nabuchadnezzar II 027; Nabuchadnezzar II 036; Nabuchadnezzar II 037; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). Conforme já assinalado, quase todas as inscrições se encerram com orações dessa natureza, traço formal que confirma a observação de Kuiper acerca do caráter cultual do gênero (Nabuchadnezzar II CUSAS 17/85; Nabuchadnezzar II ES1; Nabuchadnezzar II ES2; Nabuchadnezzar II ES3; Nabuchadnezzar II ES4; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022).

Em inscrição sobre tijolo procedente da Babilônia, o rei ora nos seguintes termos: "(4b-6) O Marduk, great lord, look with pleasure upon my precious handiwork and be helper whom I can trust. Give me as a gift a life of distant days"

(Nabuchadnezzar II B11; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). Em outra inscrição sobre tijolo, igualmente localizada na Babilônia, a súplica assume formulação mais extensa: “(8-10) O Marduk, Enlil of the gods, the one who created me, may my deeds be pleasing in your presence so that I live for a long time. Give me as a gift a life of long days, the attainment of very old age, a firmly secured throne, and a long-lasting dynasty” (Nabuchadnezzar II B18; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). Ambas as orações operam segundo a mesma lógica de reciprocidade: a obra edilícia é apresentada à divindade para apreciação, e dela se espera a concessão de longevidade e estabilidade dinástica. A prática oracional, contudo, não se restringia ao encerramento formal das inscrições, mas era reivindicada pelo rei como exercício cotidiano do governo.

Uma inscrição cilíndrica encontrada na Babilônia situa a oração no interior mesmo do espaço palaciano e da atividade administrativa: “(iii 41-44) Inside of it (the palace), I proclaimed royal decrees and lordly ...s. I raised up (my) hand(s and) prayed to the lord of lords; my prayers went to the god Marduk, the merciful one” (Nabuchadnezzar II 019; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). A justaposição entre a promulgação de decretos e o gesto de erguer as mãos em prece integra o ato cultual à rotina do exercício do poder. Cabe notar ainda a designação de Marduque como "o misericordioso", epíteto que retoma a dimensão relacional já observada nas listas de atributos.

O deus Nabû é mencionado reiteradamente nas inscrições de Nabucodonosor II, sempre em estreita associação com Marduque. Em laje inscrita procedente da Babilônia, o rei declara ser aquele que age com o apoio de Nabû e Marduque (Nabuchadnezzar II 010; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). Em inscrição cilíndrica da mesma cidade, atribui a Nabû, supervisor da totalidade do céu e da terra, o ato de permitir que suas mãos empunhassem o cetro — isto é, a outorga da realeza babilônica (Nabuchadnezzar II 036; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). Em inscrição situada em uma porta de Borsipa, descreve ainda a construção do templo Ezida, dedicado a essa divindade (Nabuchadnezzar II BP2; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022]; Nabuchadnezzar II 030; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022]; Nabuchadnezzar II V1; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022), e numerosas outras inscrições fazem referência ao mesmo deus. O conjunto dessas ocorrências permite avaliar em que medida a religiosidade constituía dimensão estruturante do reinado.

O exame das inscrições reais até aqui analisadas permite concluir que Nabucodonosor II era um monarca profundamente religioso. Sua atuação não se limitava a zelar pelo funcionamento institucional do culto em seu domínio, mas incluía a busca pessoal de agradar às divindades. Esse duplo empenho encontra confirmação em inscrição cilíndrica procedente da Babilônia: “(ii 60-iii 6) Nebuchadnezzar, exalted ruler who provides for the cult centers of the great gods. I myself was constantly present with regard to Esagil and Ezida. I constantly seek out the shrines of the gods Nabû and Marduk, my lords” (Nabuchadnezzar II 019; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). A menção conjunta de Esagila e Ezida — os santuários de Marduque e Nabû, respectivamente — sintetiza o eixo devocional que percorre todo o *corpus*, e reaparece nas declarações de propósito do monarca.

Em inscrição rupestre localizada em Brissa, Nabucodonosor II afirma seu compromisso com a restauração dos templos de suas divindades: “(vii 35) At the invocation of their lofty [names, I revere] Nabû and Marduk. [... for] eternity. My heart moved me to renew the sanctuaries of the great gods; [...] the strength, I will provide for the sanctuaries, I will renew the cultic places” (Nabuchadnezzar II WBC; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). A atribuição da iniciativa ao próprio coração do rei — e não a uma ordem divina explícita — introduz um elemento de interioridade que distingue essa passagem das demais. A restauração cultual aparece, assim, simultaneamente como dever régio e como impulso pessoal, tensão que a inscrição seguinte resolve na afirmação de uma devoção total.

Uma última inscrição cilíndrica procedente da Babilônia reafirma a dedicação exclusiva do monarca a Marduque e Nabû. Nela, o rei declara-se constante e incessantemente devoto de Marduque, seu senhor, e afirma esforçar-se continuamente por sustentar os lugares de culto de Nabû (Nabuchadnezzar II WBA; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). Acrescenta que está sempre a pensar naquilo que agrada às divindades e que corre dia e noite para adorá-las.

3. Análise comparativa da religiosidade de Nabucodonosor II entre os relatos de suas inscrições e os de Daniel 1-4

A análise das inscrições reais evidenciou o zelo e a dedicação religiosa de Nabucodonosor II. Cumpre agora comparar sucintamente os aspectos religiosos nelas documentados com o retrato do monarca oferecido pelos relatos de Daniel 1–4.

Daniel 1

É interessante observar a compreensão de Nabucodonosor II de que Marduque lhe havia entregado os povos e lhe permitido destruir seus inimigos, fazendo com que estes se curvassem diante da Babilônia, conforme registrado em uma inscrição real gravada na rocha, na cidade de Brissa (Nabuchadnezzar II WBC; WEIERSHÄUSER; NOVOTNY, 2022). Em contraste com essa compreensão, porém, o relato bíblico do cerco e da conquista de Jerusalém, apresentado logo no início de Daniel, afirma que foi "o Senhor [que] entregou em suas mãos [de Nabucodonosor II] a Jeoaquim, rei de Judá, e parte dos utensílios da Casa de Deus" (Dn 1:2). Essa afirmação estabelece, desde o início do livro, uma perspectiva teológica distinta daquela expressa pelo monarca babilônico, ao atribuir a YAHWEH a soberania sobre os acontecimentos históricos.

O zelo religioso de Nabucodonosor II constitui outro elemento evidente na descrição de Daniel 1, manifestando-se em diferentes aspectos do processo de assimilação dos jovens hebreus. Primeiramente, o relato afirma que o rei tomou parte dos utensílios do templo de Judá, levou-os à casa de seu deus e os colocou na casa do tesouro do seu deus (Dn 1:2). Walton, Matthews e Chavalas observam que "os objetos sagrados, incluindo os ídolos e os diversos tipos de recipientes utilizados no culto, eram tomados como reféns quando um povo era conquistado. Uma forma de demonstrar a superioridade do deus da nação vitoriosa sobre os deuses dos povos conquistados era profanar seus objetos e lugares sagrados, colocando-os em uma posição de submissão" (2008, p. 944). Embora se possa admitir a ideia de que Nabucodonosor considerava seu deus superior, a descrição apresentada no quarto capítulo de Daniel parece indicar respeito pelos utensílios sagrados, e não profanação, como ocorre posteriormente com Belsazar no capítulo 5.

Embora o texto não identifique explicitamente o templo babilônico ao qual esses objetos foram conduzidos, é possível que se trate do Esagila ou do complexo do zigurate Etemenanki, ambos associados ao culto de Marduque, principal divindade da Babilônia. Assim, a transferência dos utensílios do templo de YAHWEH para o espaço cultual babilônico não apenas evidencia a dimensão religiosa da conquista, mas também introduz desde o início do relato o confronto entre a religião babilônica e a adoração ao Deus de Israel.

Em segundo lugar, quando os jovens pertencentes à linhagem real e à nobreza de Israel são selecionados para serem preparados para servir no palácio do rei, determina-se que lhes sejam ensinadas “a cultura e a língua dos caldeus” (Dn 1:3-4). Considerando que a religião permeava os diferentes âmbitos da sociedade no período neobabilônico, é razoável inferir que essa formação também incluísse conteúdos de natureza religiosa. Doukhan observa que não se tratava de uma “mera iniciação na literatura e na escrita babilônicas” (2017, p.17), pois a formação de um escriba exigia o domínio de pelo menos três línguas: o sumério, língua religiosa tradicional registrada em escrita cuneiforme; o babilônico (ou acadiano), dialeto nacional de origem semítica, também escrito em caracteres cuneiformes; e o aramaico, língua internacional dos negócios e da diplomacia. Segundo o autor, o programa de formação dos aprendizes de escriba possuía, portanto, caráter essencialmente religioso e visava transformá-los em sacerdotes caldeus, especializados nas práticas de adivinhação (DOUKHAN, 2017). Desse modo, o componente religioso não constituía um aspecto secundário da formação promovida por Nabucodonosor II, mas integrava o processo de preparação daqueles que deveriam servir à corte babilônica.

Em terceiro lugar, a dimensão religiosa do processo de assimilação é evidenciada pela mudança dos nomes dos quatro jovens hebreus, realizada pelo chefe dos eunucos, que lhes atribui nomes babilônicos associados às divindades do império (Dn 1:6-7). A mudança de nome constituía uma forma de exercer autoridade sobre a identidade e o destino de uma pessoa, prática que também pode ser observada entre governantes estrangeiros no período bíblico. Considerando que a assimilação cultural constituía um dos objetivos aparentes do processo ao qual Daniel e seus companheiros foram submetidos, a atribuição de nomes babilônicos contribuía para esse propósito; além disso, como os nomes frequentemente continham afirmações relacionadas às divindades, os novos nomes poderiam impor aos jovens um nível mínimo de reconhecimento das divindades babilônicas (WALTON, MATTHEWS E CHAVALAS, 2008). Assim, a alteração dos nomes não deve ser entendida apenas como uma mudança administrativa, mas como parte de uma estratégia mais ampla de assimilação cultural e religiosa.

Essa dimensão torna-se ainda mais evidente quando se observam os significados dos nomes atribuídos aos quatro jovens. O nome Daniel, cujo significado é “Deus é meu juiz”, é substituído por Beltessazar, “que Bel preserve sua vida”, em

referência a Marduque; Ananias, “graça de Deus”, recebe o nome Sadraque, entendido como “ordem de Aku”, também de caráter religioso; Misael, “quem é como Deus?”, passa a ser chamado Mesaque, “quem é como Aku?”; e Azarias, “YAHWEH ajudou”, recebe o nome Abede-Nego, “servo de Nego”, em referência ao deus Nabû (DOUKHAN, 2017). O próprio nome de Nabucodonosor, *Nabû-kudurrī-uṣur*, também contém uma referência à divindade Nabû. Dessa maneira, a substituição dos nomes hebraicos por nomes associados às divindades babilônicas reforça a dimensão religiosa do projeto de assimilação descrito em Daniel 1.

Considerados em conjunto, esses elementos demonstram que o contexto religioso neobabilônico e a figura de Nabucodonosor II estão profundamente integrados à narrativa de Daniel 1, não constituindo meramente o pano de fundo histórico do relato. A tomada dos utensílios do templo, a formação dos jovens na cultura caldeia e a substituição de seus nomes evidenciam que a conquista babilônica envolvia também uma dimensão cultural e religiosa. Ao mesmo tempo, a afirmação de que foi YAHWEH quem entregou Jerusalém e seus utensílios nas mãos de Nabucodonosor estabelece uma tensão teológica fundamental entre a percepção babilônica da ação de seus deuses e a soberania de YAHWEH, tensão que será desenvolvida ao longo da narrativa de Daniel.

Daniel 2

Na descrição do segundo capítulo do livro de Daniel, o rei Nabucodonosor II tem um sonho e ordena que todos os magos, encantadores, feiticeiros e caldeus lhe revelem tanto o sonho quanto sua interpretação (Dn 2:1-12). No contexto mesopotâmico, “os sonhos eram considerados mensagens dos deuses” (WALTON, MATTHEWS E CHAVALAS, 2008) e é dessa maneira que o rei parece compreender a experiência que teve. Essa concepção também se evidencia na resposta dos caldeus, que afirmam ao rei que “não há mortal na terra que possa revelar o que o rei exige” (Dn 2:10) e que “ninguém há que possa revelar isso diante do rei, senão os deuses, e estes não moram com os homens” (Dn 2:11). Assim, desde o início do capítulo, o relato estabelece o cenário religioso no qual o sonho de Nabucodonosor é interpretado e prepara o contraste entre a concepção babilônica da revelação divina e a perspectiva apresentada pelo Deus de Israel.

O contexto religioso, contudo, permeia de maneira ainda mais significativa a narrativa de Daniel 2 ao estabelecer um contraste direto entre os deuses de Nabucodonosor II e o Deus de Israel. Embora os caldeus afirmassem que os deuses não habitavam com os seres humanos, o sonho e sua interpretação são revelados a Daniel precisamente por seu Deus, aquele que habita entre os homens e lhes comunica os mistérios (Dn 2:20). Além disso, a narrativa questiona a compreensão babilônica acerca do domínio e da soberania divina ao afirmar que o Deus de Daniel é aquele que "remove reis e estabelece reis" (Dn 2:20) e que foi ele quem "conferiu o reino, o poder, a força e a glória" a Nabucodonosor (Dn 2:37). Dessa maneira, o capítulo não apenas apresenta YAHWEH como aquele que revela o que os sábios babilônicos são incapazes de revelar, mas também como o verdadeiro soberano sobre os reis e os reinos.

Diante da revelação do sonho e de sua interpretação por Daniel, Nabucodonosor não poderia ignorar a veracidade das afirmações apresentadas pelo profeta, e esse acontecimento lhe ofereceu uma oportunidade para reconsiderar sua compreensão religiosa. Ao final do episódio, o rei reconhece que o Deus de Daniel é "o Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos mistérios, pois pudeste revelar este mistério" (Dn 2:47). Entretanto, Doukhan chama atenção para a ambiguidade dessa declaração ao observar que "'Senhor dos reis' era, de fato, outro nome para Marduque, a divindade da realeza babilônica, e para Nabû [...]. Ele fala do Deus de Daniel, mas pensa em seu próprio deus" (DOUKHAN, 2017). Portanto, embora a declaração de Nabucodonosor represente um reconhecimento da superioridade do Deus de Daniel, o capítulo parece indicar que sua compreensão ainda permanece condicionada pelas categorias religiosas babilônicas, antecipando a tensão entre o reconhecimento verbal de YAHWEH e a efetiva transformação da perspectiva do monarca.

Daniel 3

Na descrição do terceiro capítulo, o contexto religioso neobabilônico volta a ocupar lugar central, especialmente na acusação dos caldeus de que os três jovens judeus não serviam aos deuses de Nabucodonosor II e no próprio interrogatório realizado pelo rei (Dn 3:12-13). Kuiper (2010) destaca que, na Babilônia, havia sacerdotes treinados como músicos para participar das festividades e, quando

necessário, apaziguar os deuses. Nesse contexto, é possível questionar se, diante do presságio desfavorável associado ao sonho da estátua, o rei teria procurado aplacar a ira das divindades por meio da reunião de um grande grupo de músicos encarregados de tocar seus instrumentos, bem como se esses músicos exerciam funções sacerdotais e se a imagem de ouro representava alguma das divindades babilônicas. Walton e Matthews consideram que o versículo 28 pode sugerir esta última possibilidade, embora entendam como alternativa mais provável que a imagem representasse uma exaltação do próprio rei acompanhada de elementos rituais de natureza religiosa (WALTON, MATTHEWS E CHAVALAS, 2008). Assim, independentemente da identificação precisa da imagem e da função dos músicos, a narrativa apresenta a cerimônia como um acontecimento profundamente marcado pelo contexto religioso babilônico.

O confronto religioso torna-se ainda mais explícito quando o monarca enfurecido declara aos jovens que nenhum deus poderia livrá-los de suas mãos e do forno de fogo ardente (Dn 3:15). A afirmação estabelece novamente um contraste entre o poder atribuído às divindades de Nabucodonosor e o Deus dos jovens hebreus, pois, ao se recusarem a prostrar-se diante da imagem, os três jovens demonstram fidelidade exclusiva ao seu Deus, que intervém para livrá-los do fogo. Ao final do episódio, porém, Nabucodonosor II não declara que o Deus dos jovens passou a ser também o seu Deus; em vez disso, reconhece a singularidade de sua ação ao promulgar um decreto que condenava à morte qualquer pessoa que blasfemasse contra esse Deus (Dn 3:29). Dessa forma, embora o capítulo apresente mais uma manifestação inequívoca do poder do Deus de Israel diante do monarca babilônico, a resposta de Nabucodonosor permanece limitada ao reconhecimento de sua autoridade e à proteção de seu nome, sem indicar necessariamente uma transformação de sua própria lealdade religiosa.

Daniel 4

Por fim, o quarto capítulo do livro de Daniel apresenta um contexto religioso significativamente diferente daquele observado nos capítulos anteriores, pois Nabucodonosor II passa a reconhecer o Deus dos judeus como o Deus Altíssimo (Dn 4:2), aquele que realiza grandes sinais e poderosos prodígios (Dn 4:3), cujo reino é eterno e cujo domínio se estende de geração em geração (Dn 4:3). Essa concepção

parece guardar certa correspondência com a compreensão que Nabucodonosor possuía acerca de Marduque, a quem atribui “seu domínio exaltado” em uma inscrição real encontrada na Babilônia (RIBo Nabuchadnezzar II 002 [via RIBO/BABYLON7). Entretanto, o narrador deixa claro que, em Daniel 4, essa designação não se refere a Marduque, mas ao Deus dos judeus, uma vez que ambos são mencionados distintamente ao longo do capítulo (cf. Dn 4:8). Também é significativo que Nabucodonosor faça referência a “seu deus” e ao “espírito dos deuses santos” (Dn 4:8-9, 17) somente antes de sua transformação em um animal e da posterior restauração de sua racionalidade. Assim, o capítulo parece descrever um processo de transformação na compreensão religiosa do monarca, no qual suas categorias religiosas anteriores são progressivamente confrontadas com a revelação do Deus Altíssimo.

Ao final do capítulo, a experiência de Nabucodonosor II culmina no reconhecimento explícito do Deus dos judeus como o Deus Altíssimo, cuja soberania é absoluta e cujo reino permanece para sempre. Após a restauração de sua racionalidade, o rei declara: “Bendisse o Altíssimo, e louvei e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é eterno e cujo reino é de geração em geração. Todos os habitantes da terra são reputados por ele em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os habitantes da terra [...]. Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei dos céus, porque todas as suas obras são verdadeiras, e os seus caminhos, justos, e ele pode humilhar os que andam na soberba” (Dn 4:34-35, 37). Dessa maneira, diferentemente dos capítulos anteriores, nos quais o rei reconhece aspectos específicos do poder e da autoridade do Deus de Daniel sem abandonar necessariamente suas categorias religiosas babilônicas, Daniel 4 apresenta uma confissão explícita da soberania do Deus Altíssimo sobre todos os poderes e reinos. A transformação de Nabucodonosor constitui, portanto, o ponto culminante da progressão religiosa observada nos primeiros capítulos do livro, preparando o contraste com a experiência de outros monarcas babilônicos nos capítulos subsequentes.

4. Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo analisar a religiosidade de Nabucodonosor II à luz das inscrições reais do período neobabilônico. Para isso, buscou-se apresentar o panorama religioso desse período, examinar a religiosidade de Nabucodonosor II a partir das inscrições reais neobabilônicas e, por fim, comparar brevemente suas concepções religiosas com os relatos bíblicos de Daniel 1–4. Dessa forma, a pesquisa procurou estabelecer uma relação entre o contexto religioso mesopotâmico, a expressão da religiosidade do monarca nas fontes epigráficas e sua representação na narrativa bíblica. Essa abordagem permite avaliar de maneira mais ampla as possíveis relações entre o contexto histórico-religioso de Nabucodonosor II e a construção narrativa dos primeiros capítulos de Daniel.

A análise do período neobabilônico demonstrou que as crenças religiosas permeavam praticamente todos os âmbitos da sociedade mesopotâmica, com forte ênfase na religião pessoal e em uma concepção de política fundamentada na soberania divina e no domínio absoluto das divindades. Nesse contexto, a realeza era compreendida em estreita relação com a esfera divina, enquanto os templos desempenhavam papel central na organização religiosa, política e social. Havia também numerosos templos distribuídos por diferentes regiões do império, nos quais eram cultuadas diversas divindades, entre elas Marduque, Nabû e Istar. Assim, o ambiente religioso neobabilônico constitui um elemento fundamental para compreender tanto a religiosidade de Nabucodonosor II quanto o contexto no qual os relatos de Daniel foram produzidos.

As inscrições reais de Nabucodonosor II encontradas na Babilônia e em outras cidades mesopotâmicas revelam um monarca profundamente comprometido com suas divindades e com a manutenção de seu culto. As inscrições evidenciam sua devoção pessoal, bem como a responsabilidade que atribuía a si mesmo de restaurar, reconstruir e sustentar os templos distribuídos por todo o território sob seu domínio. Além disso, é significativo que grande parte dessas inscrições reais termine com orações, evidenciando que a religiosidade não constituía apenas um elemento retórico de sua ideologia real, mas estava integrada à forma como o próprio monarca compreendia sua relação com as divindades. Dessa maneira, as fontes epigráficas apresentam Nabucodonosor II como um rei cuja atuação política e construtora estava profundamente vinculada às suas convicções religiosas.

Por fim, a comparação entre o contexto religioso neobabilônico, a religiosidade de Nabucodonosor II evidenciada nas inscrições reais e os relatos de Daniel 1–4 revela significativas correspondências entre esses diferentes conjuntos de dados. O contexto religioso mesopotâmico está presente de maneira perceptível na narrativa bíblica, especialmente na representação das práticas religiosas, das concepções acerca das divindades e da compreensão do poder e da soberania. Ao mesmo tempo, Daniel 1–4 parece apresentar uma progressão na compreensão religiosa pessoal de Nabucodonosor II, que culmina no reconhecimento do Deus dos judeus como o Deus soberano sobre reis e reinos. Diante dessas correspondências, estudos posteriores poderão investigar de maneira mais aprofundada os relatos de Daniel 1–4, buscando identificar outros elementos religiosos que possam apresentar paralelos com as declarações atribuídas a Nabucodonosor II nas inscrições reais encontradas na Mesopotâmia.

Referências bibliográficas

BERTMAN, Stephen. **Handbook to life in Ancient Mesopotamia**. New York, NY: [s.n.], 2002.

BLACK, Jeremy; GREEN, Anthony. **Gods, demons and symbols of Ancient Mesopotamia**. London: The British Museum Press, 1992.

DOUKHAN, Jacques. **Segredos de Daniel:** Sabedoria e sonhos de um príncipe em exílio. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

KUIPER, Kathleen (editor). **Mesopotamia:** The world's earliest civilization. 1. ed. New York, NY: Britannica.

ROUX, Georges. **Mesopotamia:** Historia politica, económica y cultural. Trad. por José Carlos Bemejo Barrerra. Madrid, Espanha: Akal, 1987.

Sack, Ronald H. 1992. "Nebuchadnezzar (Person)". In *The Anchor Yale Bible Dictionary*, org. por David Noel Freedman, 4:1058–59. New York: Doubleday.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia:** Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2008.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 001 [via RIBo/BABYLON7].* Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005472/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 002 [via RIBo/BABYLON7].* Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005473/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 005 [via RIBo/BABYLON7].* Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005476/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 006 [via RIBo/BABYLON7].* Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005477/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 007 [via RIBo/BABYLON7].* Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005478/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 010 [via RIBo/BABYLON7].* Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005481/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 011 [via RIBo/BABYLON7].* Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005482/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 012 [via RIBo/BABYLON7].* Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005483/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 013 [via RIBo/BABYLON7].* Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005484/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 014 [via RIBo/BABYLON7]*. Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005485/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 015 [via RIBo/BABYLON7]*. Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005486/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 018 [via RIBo/BABYLON7]*. Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005489/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 019 [via RIBo/BABYLON7]*. Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005490/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 021 [via RIBo/BABYLON7]*. Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005492/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 022 [via RIBo/BABYLON7]*. Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005493/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 023 [via RIBo/BABYLON7]*. Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005494/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 027 [via RIBo/BABYLON7]*. Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005498/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 030 [via RIBo/BABYLON7]*. Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005501/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 036 [via RIBo/BABYLON7]*. Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005507/. Acesso em: 16 jun. 2022.

WEIERSHÄUSER, Frauke; NOVOTNY, Jamie. *Nabuchadnezzar II 037 [via RIBo/BABYLON7].* Royal Inscriptions of the Neo-Babylonian Empire. Disponível em: http://oracc.org/ribo/Q005508/. Acesso em: 16 jun. 2022.